



*Intervenção do Senhor Presidente da Câmara Municipal de
Lisboa nos 112 da Implantação da República
5 de Outubro de 2022*

Senhor Presidente da República
Senhor Presidente da Assembleia da República
Senhor Primeiro-Ministro
Senhora Presidente da Assembleia Municipal de Lisboa
Senhor Presidente do Supremo Tribunal de Justiça e Senhores
Presidentes dos Tribunais Superiores
Senhores membros do Governo
Senhor Presidente do Partido Social Democrata
Senhores Presidentes dos Grupos Parlamentares
Senhora Provedora de Justiça
Senhores Chefes Militares
Senhoras e Senhores Deputados
Senhoras e Senhores Embaixadores e representantes do Corpo
Diplomático
Senhoras e Senhores Vereadores da Câmara Municipal de
Lisboa
Demais entidades
Minhas Senhoras e meus Senhores
Lisboetas

Cumprem-se hoje 112 anos que a República foi proclamada aqui, nesta grande varanda dos nossos Paços do Concelho.

A cidade de Lisboa foi nesse dia protagonista de mais uma grande mudança na vida nacional.

Tal como o fora no 1.º de Dezembro de 1640.

Tal como o fora com a resolução da crise nacional do interregno de 1383-1385.

Este rápido olhar retrospectivo coloca-nos perante a situação portuguesa única.

A situação de um país que caminha para os seus 900 anos, e que é uma das mais antigas realidades políticas da Europa.

E, num dos seus lances - fortuitos para alguns, providenciais para outros -, quis o destino que o turbilhão de acontecimentos que marcaram aqueles dias que antecederam o 5 de outubro de 1910 correspondessem exatamente aos mesmos dias que convencionalmente tratamos como a **fundação nacional, assinalada pelo Tratado de Zamora de 1143.**

E é perante este quadro de nove séculos que devemos colocar o dia de hoje.

Pois vivemos neste país antigo, que evoluiu sempre, que recusou a estagnação

e que fez do confronto de ideias o caminho para o desenvolvimento e a modernidade.

Sim, somos um país que evoluí através do confronto.

Do confronto das várias **visões de país** que as várias forças políticas, sociais e económicas sempre tiveram e têm sobre o nosso país.

O confronto saudável, sem presunções de ideias únicas, sem presunções de superioridade moral, o confronto que sempre recusou radicalismos, o confronto que respeita a opinião e as ideias de cada um.

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

A República, em 1910, correspondeu sem dúvida a um desejo e a uma urgência de mudança, a que a situação até aí existente não parecia capaz de corresponder

Só assim é que os valores da República podem ser inteligíveis.

Só assim é que compreendemos as palavras do grande patriota e republicano, Guerra Junqueiro, **quando exclamou que um *Viva a República!* era, na angústia daquele tempo, sinónimo de *Viva Portugal!***

Só assim é que percebemos como muitos dos republicanos acreditaram que a República poderia corresponder a uma ***renascença portuguesa***.

Infelizmente, nem sempre esse objetivo foi alcançado.

Por isso, a sua comemoração não pode esquecer os falhanços do regime que se seguiu e que, embora em nome da república, foi inoperante, instável e divisivo, e que por isso conduziu os portugueses a uma longa ditadura.

Uma verdadeira república não é, e nem poderia ser, a República de um partido, como acabou por ser a república de 1910, contra a intenção de muitos republicanos, como Guerra Junqueiro.

Mas hoje, mais do que tomar posições e alimentar narrativas que colocam portugueses contra portugueses, devemos inspirar-nos nos valores que acalentaram os **verdadeiros patriotas** daquele tempo, republicanos e também muitos que

não foram republicanos no sentido partidário, mas que nem por isso deixaram de partilhar os valores do patriotismo cívico e o ideal de uma res publica.

Uns e outros, independentemente das suas opções em termos de formas de governo, não queriam que Portugal se diminuísse à triste condição de um aglomerado de interesses imediatos e egoístas.

Uns e outros, igualmente patriotas, ambicionaram uma renovação da vida nacional, o fim da apatia cívica, e a esperança num projeto de futuro que unisse o povo que se foi construindo e amadurecendo neste canto da península.

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Se hoje queremos que o *Viva a República!* seja sinónimo de *Viva Portugal!* devemos inspirar-nos na vontade de mudança que ela significou naquele momento de há 112 anos.

Porque toda a realidade política precisa dessa vontade de mudança.

Porque só através da capacidade de mudar, de se adaptar, de ultrapassar impasses e limitações que uma nação pode ter futuro.

É esse o drama de toda a nação.

As nações formam-se e vivem de ter um projeto para o amanhã, dizia Ortega y Gasset.

E sem essa vontade de querer projetar algo no futuro, sem a vontade de querer construir um país e um mundo melhores, as nações estagnam.

Elas caem na pequenez dos interesses imediatos.

Os horizontes fecham-se à sua visão.

E, neste dia, é nosso dever assegurar que o país tem esse projeto de futuro. Que Portugal não se perde perante circunstâncias mais ou menos acidentais.

E hoje são tantos os desafios que o futuro nos reserva.

O mundo é hoje um mundo de mudança incessante e imparável, onde a fusão do físico com o digital transforma irreversivelmente as nossas vidas.

O mundo é hoje determinado pelo combate às mudanças climáticas, que exigem de todos nós um esforço e um sacrifício sem precedentes.

E é hoje um mundo de incerteza e instabilidade, no qual os *fins da História* e a unipolaridade dos últimos 30 anos são substituídos por uma multipolaridade imprevisível.

Perante os perigos deste mundo no qual a guerra voltou à Europa e no qual a espiral inflacionista afeta principalmente os mais vulneráveis, **a vontade de mudança que a nação, em momentos igualmente críticos, demonstrou no passado, é uma inspiração para não nos entregarmos à resignação, à inação, e ao desânimo.**

Minhas Senhoras e meus Senhores

Os tempos exigem muito de nós.

Os desafios com que o país se depara exigem **audácia, e não resignação.**

Audácia para crescer mais,

A audácia para libertar a criatividade dos portugueses,

A audácia para libertar as famílias, as empresas, a sociedade civil.

Não nos podemos resignar perante a estagnação económica.

Deveremos querer mais do que apenas convergir com a Europa.

Deveremos querer um país preparado para um mundo cada vez mais competitivo.

Um país que liberte os portugueses do **jugo fiscal** que se torna insuportável para as suas vidas.

Um país que não se veja fatalmente destinado a cair para a cauda da Europa, mas capaz de crescer de forma sustentada e sustentável.

E o futuro exige também ação, não inação ou reação.

Exige a capacidade de fazer a diferença na vida das pessoas.

Exige a capacidade de tomar decisões.

Na saúde.

Na transição energética.

Na habitação.

Exige ação.

Ação que nos prepare para enfrentarmos com confiança um mundo de incerteza e instabilidade.

E essa ação, quando não pode partir do Estado central, deve ser assumida pelos municípios, que têm a responsabilidade política mais direta sobre os cidadãos.

Foi, aliás, também esta a tradição **municipalista** que inspirou muitas figuras, republicanos e não republicanos, durante os momentos de angústia institucional, social e moral dos finais do século XIX e princípios do século XX.

Esta audácia e ação promove a necessária **energia criativa**.

Da energia e da vontade de fazer e concretizar um futuro contra o desânimo e a descrença.

Para que Portugal possa ser aquilo que foi ao longo de tantos séculos: **um cais de embarque e um porto de chegada**.

Um cais de embarque que nos abre ao mundo, que faça do país uma ponte para outras culturas e outros continentes.

Ao mesmo tempo que, neste mundo competitivo, seja também **porto de chegada**, capaz de captar os talentos espalhados pelo mundo.

Substituir o desânimo por esta energia significa que não podemos ser o país da União Europeia onde os mais jovens por razões financeiras saem mais tarde da casa dos seus pais.

Não podemos ser o país que adia a vida das novas gerações enquanto também nos contamos entre aqueles que mais abandonam os seus mais velhos.

Temos que ser o país que cuida.

O país que ambiciona.

Sem medo. Sem hesitação.

Excelências,

Se não tivermos esta audácia para crescer,

se não agirmos para preparar o futuro que aí vem,

se não tivermos essa energia criativa capaz de dar ânimo à busca do futuro, não podemos almejar sair da estagnação que tanto criticamos.

A nação portuguesa tornar-se-ia um organismo que *dura, mas não existe*, como referiu Guerra Junqueiro.

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Durante os momentos mais difíceis da nossa história, os portugueses encontraram vontade e engenho para resistir e ultrapassar as maiores adversidades.

E chegámos até aqui.

E hoje devemos juntar à lembrança dessa história, um projeto para o amanhã, que mude mais uma vez Portugal.

Que nos torne um exemplo:

Seja pela vigilância redobrada no cumprimento da Carta Universal dos Direitos Humanos.

Seja na transição energética, preparando-nos para um novo paradigma.

Seja numa transição digital centrada no bem-estar da pessoa humana e na transparência das instituições.

Seja fazendo com que este país marítimo lidere uma Europa virada para o mar.

Excelências,

A vontade de mudança, para habilitar o país a durar e a desenvolver-se, tantas vezes manifestada em crises do passado, deve ser a nossa orientação neste momento.

Que essa vontade de mudança, que se manifestou em 5 de Outubro de 1910, tal como se tinha manifestado em 1 de Dezembro de 1640, e em outros momentos fundamentais – que essa vontade de mudança nos dê a inspiração necessária para que possamos saber para onde ir neste mundo.

Porque se não o soubermos, nunca poderemos esperar que o vento nos sopre favoravelmente.

E só precisamos da audácia.

Da audácia para fazer política para as pessoas, com as pessoas, ouvindo as pessoas.

E não fazer uma política de impor às pessoas aquilo que os políticos acham que deve ser a sua vida.

Precisamos dessa audácia para superar a estagnação, para defender a liberdade, para proteger a democracia.

Dessa audácia que uma figura incontornável da cultura europeia como o poeta romano Virgílio descreveu, quando disse que só ***a audácia nos pode levar até às estrelas.***

Saibamos hoje, neste 5 de outubro, projetar o futuro ao lado das pessoas,

e, como queria Guerra Junqueiro,

fazer com que o Viva a República e todos os outros vivas

sejam sempre e acima de tudo sinónimo de *Viva Portugal!*

Viva Portugal.

Viva Lisboa.

Carlos Moedas

Presidente da Câmara Municipal de Lisboa

Lisboa, 5 de Outubro de 2022